

CRUZAMENTO / CONSAGUINIDADE

Antes de tudo, e como preâmbulo, deve-se ressaltar que todos os seres vivos compartilham uma série de gens, sejamos da espécie ou raça que sejamos.

Assim ao cruzar dois cães de raças diferentes, e, apesar de suas diferenças, sempre haverá uns gens que serão comuns a toda espécie canina.

Podemos ir mais adiante e dizer que outros gens seriam iguais em todos os mamíferos, outros resultariam comuns a todos os quadrúpedes e, para ir mais longe, outros similares a todos os seres vivos.

Outcross: É um cruzamento realizado sem consangüinidade próxima ainda que os pais pertençam a mesma linha. Se utilizam exclusivamente critérios de seleção. O exemplo extremo poderia ser o cruzamento de dois exemplares de distinta raça (cold outcross) que produziria uma descendência mestiça com tendência a zero em homozigose e máximo em heterozigose.

Linebreeding: Cruzamento em linha. Consangüinidade pouco intensa. É um termo inventado pelos criadores para definir uma forma mais difusa e pouco intensa de inbreeding. Se pode levar a cabo de muitas formas.

Um procedimento se fundamenta em deixar uma geração livre entre meio de dois acasalamentos consangüíneos. Por exemplo: neto com avó ou neta com o avô. No meio há que se deixar pelo menos um cruzamento em outcross.

Dado que os exemplares de cães de raça pura descendem de relativamente poucos exemplares de base (de origem) poderíamos dizer que a idéia de raça coincidiria em linhas gerais com a definição de linebreeding. Em termos de criadores se usa somente quando se toma em conta um máximo de cinco ou seis gerações.

Inbreeding: Nele se realiza uma consangüinidade mais intensa. Na realidade é um linebreeding de caráter muito intenso. Consiste em cruzar irmãos entre si ou pai ou mãe com filha ou filho. Geralmente o mais jovem dos pais, se cumpre os requisitos que buscamos, se aparenta com seu filho. Tio com a sobrinha, tia com o sobrinho e primos irmãos, são considerados por alguns inbreeding e por outros linebreeding. Geralmente é o que nos seres humanos seria considerado incesto.

Seria absurdo pensar em efetuar tanto inbreeding como linebreeding, como qualquer outro tipo de cruzamento, sem fixar-se com antecedência no fenótipo dos progenitores. A seleção deve ser sempre previa.

A QUARTA VIA: Existe outra forma de conseguir o máximo de homozigose sem efetuar consangüinidade e por meio do outcrossing. Por sua dificuldade não se emprega e em sequer se tem em consideração na criação normal. Por dar um exemplo muito claro: dois cães de raças totalmente distintas que tenham como fixo uma cor, se cruzarem entre si produzirão mestiços dessa cor.

Isso quer dizer que distintos criadores da mesma raça de cães, cujos exemplares não tiveram nenhuma relação de parentesco entre si, poderiam perfeitamente conseguir homozigose para os mesmos traços que se estivessem intimamente aparentados. Por exemplo: igual tipo de cabeça, cor, altura, etc. Cruzados portanto entre si fixariam suas características de igual maneira que se houvessem empregado inbreeding, porém sem nenhum de seus inconvenientes.

Por razões óbvias de logística e econômicas isto é muito difícil de coordenar. Uma maneira de conseguir algo parecido seria trabalhar com um standard muito rígido que unificaria todas as características raciais de uma maneira tal que não houvera outra saída que criar sob a mesma tipologia.

Todas as raças são obtidas empregando elevadas doses de consangüinidade e essas altas doses de consangüinidade se seguem empregando pelos criadores para poder formar suas linhas, aproximar-se de seu tipo ideal e, o mais importante, fixá-lo como próprio.

A consangüinidade fixa simultaneamente características desejadas e caracteres defeituosos. Se requer grande energia e honestidade para eliminar da criação aos exemplares com defeitos e fixar somente as características buscadas.

Nos Estados Unidos se emprega com intensidade. Não está demasiadamente bem vista na Europa, exceção feita a Inglaterra. Em alguns países, como a Holanda, foi proibido recentemente os cruzamentos inbreeding. E não somente na Europa, na República do Equador, por exemplo, estão proibidos os acasalamentos com mais de quarto grau de consangüinidade.

Vejo muito difícil que consigam fixar um tipo, ou eliminar defeitos, ou obter qualquer efeito que requeira um modelo.

Pessoalmente penso que há outros métodos de zelar pela saúde dos animais e que não devemos extrapolar ao mundo animal critérios antropocêntricos.

A consangüinidade, que tem uma tradição milenar, não é nem boa e nem má por definição, é uma ferramenta que se emprega bem, se sabe-se, ou mal se não se sabe. Nos cães, igual que em qualquer ser vivo, a influência dos ascendentes diminui de geração em geração.

Nos pais se pode calcular que se reparte a influência em 50%. Nos avós em 25%. Os bisavós em 12,5%. Na quarta geração se reparte a influência em 6,25% e a quinta em 0,32%. Desse modo, a partir da sexta ou sétima geração qualquer aporte se veria tão diluído que não valeria a pena ser levado em conta.

Dos pais e os avós se pode esperar ver a influência direta nos descendentes, a partir desse momento a responsabilidade genética se modera. A isso há que acrescentar que os antecessores deixam seu traço tanto mais quanto mais homozigóticos sejam.

Um criador experiente, com um projeto de criação bem planejado e começando com uma cifra preliminar de poucos exemplares, ainda que não sejam parentes, poderá em poucas gerações obter um biótipo próprio diferenciado de outros usando a consangüinidade e a seleção com habilidade.

Artigo escrito por Amalio Lasheras